

## A sensibilidade primitiva nos *Poemas de Ossian* e na prosa indianista de José de Alencar

Thiago Rhys Bezerra Cass<sup>i</sup> (USP/Fapesp)

### Resumo:

*Revisitaremos um dos mais longevos tópicos do comparatismo brasileiro: o diálogo entre os Poemas de Ossian (supostamente traduzidos por James Macpherson) e a prosa indianista de José de Alencar, presente em O guarani, Iracema e Ubirajara, de José de Alencar. Investigaremos como a sensibilidade primitiva se integra à economia narrativa dessas obras e como tal sensibilidade produz uma antitética solução literária para exaltar sociedades tragadas pelas forças da História.*

**Palavras-chave:** Ossian; Macpherson; José de Alencar; indígena; sensibilidade primitiva.

### 1 Introdução

Discutirei como a configuração da sensibilidade primitiva nos *Poemas de Ossian* e a prosa indianista de José de Alencar pode ser interpretada como uma solução formal em que se conciliam dois impulsos antagônicos: o desejo de glorificar povos tidos como selvagens e a necessidade de se representar a sua destruição histórica.

O estudo das relações entre o ossianismo e o indianismo alencariano nos revela um quadro surpreendente. Num primeiro momento, avultam a longevidade e a persistência da questão: a bibliografia remonta ao século XIX, numa linhagem que vai de Araripe Júnior a Gerard Bär, passando por Eugênio Gomes, José Paulo Paes e Ofir Bergemann de Aguiar (ARARIPE JÚNIOR, 1894, p. 108; BÄR, 2010, p. 67-69; GOMES, 2000, p. 243-248; PAES, 2008, p. 206-216; AGUIAR, 1999, p. 83-93). Tal bibliografia não impressiona apenas pelo nome de seus signatários. Ela também é admirável pela sua diversidade, haja vista que contém, dentre outros: ensaios sobre a vida de Alencar e sobre o romantismo brasileiro, além de artigos e monografias acerca da recepção do ossianismo no Brasil e em Portugal (ver também: MOTTA, 1921, p. 271; MAGALHÃES JÚNIOR, 1971, p. 57; BUESCU, 2001, p. 101-103; HENRIQUES, 2001, p. 277-287; CANDIDO, 2002, p. 49; ROUANET, 2003, p. 27).

Como se pode notar, o liame entre o celta de Ossian e o índio de José de Alencar repousa em bases bastante sólidas, dado o acúmulo de evidências temáticas, estilísticas e até mesmo biográficas. Contudo, algo estranho parece acontecer: raras são as discussões nas quais se analisa como o mencionado liame se integra à economia narrativa de *O guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*.

Explico-me por meio de uma analogia.

Pense-se no que ocorreu com o diálogo entre o indianismo alencariano e a obra de Chateaubriand ou Fenimore Cooper (ver ARARIPE JÚNIOR, 1984, p. 102-104; SOARES AMORA, 1966, p. 123-147; MAGALHÃES JÚNIOR, 1971, p. 69-76; WASSERMAN, 1984, p. 130-145; MEYER, 1991, p. 79-94; VAN DER LAAN, 1994, *passim*; WASSERMAN, 1994, *passim*; MORAES PINTO, 1995, *passim*;

FRANCHETTI, 2006, p. 59-60). Hoje, é um marco incontornável para a apreciação da obra de Alencar: sem esse diálogo, talvez fosse impossível entender como operam alguns de seus pressupostos estéticos e ideológicos. Com efeito: várias são as interpretações quanto ao simbolismo da união multirracial de Peri e Cecília ou Iracema e Martim que se socorrem dos modelos de *Atala* e *O último dos moicanos* (WASSERMAN, 1994, p. 200 e ss.).

A ponte literária com as traduções de Macpherson, salvo engano, não foi submetida a abordagens dessa sorte (é provável que o odor de embuste que tais traduções invariavelmente suscitam tenha algo a ver com isso). De tal sorte, sua formulação articulou-se sob critérios muito específicos: ou nos levantamentos da recepção do ossianismo no Brasil ou em ponderações sobre as fontes em que se abeberaram os escritos indianistas de José de Alencar. Parece-me que essa ponte, todavia, pode prestar-se a outros tipos de travessia.

## 2 O celta e o índio

Um dos traços distintivos das composições atribuídas a Ossian é o fato de que se organizam em torno de um compromisso entre a exaltação de um passado heróico e a consciência de que tal heroísmo não pode ser revivido no presente (STAFFORD, 1997, p. 102 e ss.). Assim, do mesmo modo que se celebram os feitos que engrandecem a história de um povo, percebe-se que toda essa grandeza é inútil quando confrontada à força desagregadora do tempo. Lapidar é passagem, no sexto livro do *Fingal*, em que imagens de morte e permanência são deliberadamente justapostas:

*Swaran, said the king of hills, to-day our fame is greatest. We shall pass away like a dream. No sound will remain in the fields of battle. Our tombs will be lost in the heath. The hunter shall not know the place of our rest. Our names may be heard in song, but the strength of our arms will cease* (MACPHERSON, 2003, p. 101).<sup>1</sup>

Essa ambivalência guarda estreito vínculo com a trajetória da própria sociedade *highlander*. Desde 1745, com o fracasso do segundo Levante Jacobita, as Terras Altas foram ocupadas militarmente, os clãs, abolidos e a língua gaélica, proscrita (ver YOUNGSON, 1972, *passim*). James Macpherson testemunhara esse processo (STAFFORD, 1988, p. 17-20). No *Prefácio* a *Fingal*, o suposto tradutor de Ossian alude com pesar a essas transformações sociais e culturais (ver MACPHERSON, 2003, p. 51-52).

O entrelaçamento desses dois impulsos, à primeira vista tão distintos, decerto conduz a um desafio estético considerável: representar literariamente o crepúsculo de um povo sem que tal representação não o transforme num agrupamento de vítimas indefesas, mas que faça da própria experiência do oblívio um momento no qual se desnuda toda a majestade desse povo (STAFFORD, 1997, p. 87).

Numa argumentação na qual se manejam estereótipos correntes no século XVIII (ver LACERDA, 2003, p. 218-221; HAUGEN, 1998, p. 309-327; KERSEY, 2005, p. 265-275), antigos celtas são descritos como indivíduos cuja interação com o mundo não

---

<sup>1</sup> Swaran — disse o rei das montanhas — hoje nossa fama é imensa. Nós passaremos como um sonho. Som algum restará no campo de batalha. Nossos túmulos se perderão na charneca. O caçador não reconhecerá o local de nosso descanso. Nossos nomes até poderão ser ouvidos na canção, mas a força de nossos braços cessará. (Tradução do Autor.)

é mediada pela razão especulativa. Leia-se este trecho da dissertação que antecede *Temora*:

*The nobler passions of the mind never shoot forth more free and unrestrained than in these times we call barbarous. That irregular manner of life, and those manly pursuits from which barbarity takes its name, are highly favorable to a strength of mind unknown in polished times. In advanced society the characters of men are more uniform and disguised. The human passions lie in some degree concealed behind forms, and artificial manners; and the powers of the soul, without opportunity of exerting them, lose their vigour* (MACPHERSON, 2003, p. 205).<sup>2</sup>

Com o emprego desbragado de símiles (ver BYSVEEN, 1982, p. 104-105), a alma das personagens ossiânicas é feita contígua ao ambiente – excitável, portanto, a quaisquer estímulos externos, incapaz de refrear-se ante considerações de conveniência e oportunidade (POTKAY, 1992, p. 120-130). Tal predomínio dos sentimentos sobre a razão supõe uma elocução poética espontânea, devotada exclusivamente a pôr em palavras o turbilhão de sensações com que se defronta o homem primitivo (ver MANNING, 1998, p. 136-152). Suas marcas estilísticas são o exagero e a amplificação. Escreve Macpherson sobre a poesia dos bardos:

*In all their compositions [...], they gave us the genuine language of the heart, without any of those affected ornaments of phraseology, which, though intended to beautify sentiments, divest them of their natural force* (MACPHERSON, 2003, p. 214).<sup>3</sup>

No produto dessa “linguagem do coração”, propositalmente se afrontam as normas sobre a separação dos gêneros literários (STAFFORD, 1988, p. 89 e ss.). Transita-se da lírica para a narrativa conforme as sugestões do entorno.

Quanto à caracterização das personagens ossiânicas, são dotadas de inequívoca pureza: dão plena vazão a suas emoções, sem receio de verbalizá-las e nunca dispostas a traí-las. Amam, odeiam ou perdoam independentemente das conseqüências. Sua conduta é, portanto, marcada por *topoi* destinados a evocar o exercício sem condicionantes de honra, coragem ou lealdade (BYSVEEN, 1982, p. 50 e ss.). Tomemos como exemplo esta passagem, em que o guerreiro Cuchullin, filho de Semo, afirma alegrar-se diante do combate:

*Do I fear, replied Cuchullin, the spear of car-borne Torlath? He is brave as a thousand heroes; but my soul delights in war. The sword rests not by the side of Cuchullin [...]* (MACPHERSON, 2003, p. 136).<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> As paixões mais nobres da mente nunca brotaram tão livres e irrestritas quanto nesses tempos que chamamos de bárbaros. Aquele modo de vida irregular e aquelas ocupações varonis das quais a barbárie toma seu nome são altamente favoráveis para uma força mental desconhecida em tempos refinados. Numa sociedade avançada, os caracteres humanos são uniformes e encobertos. As paixões humanas se quedam, de certa maneira, ocultas por formas e modos artificiais — e os poderes da alma, sem a oportunidade de exercê-los, perdem seu vigor. (T. A.)

<sup>3</sup> Em todas as suas composições [...], outorgaram-nos a genuína linguagem do coração, sem quaisquer daqueles ornamentos afetados de fraseologia, que, embora com o intento de embelezar sentimentos, afastam-nos de sua força natural. (T. A.)

<sup>4</sup> Se eu temo – respondeu Cuchullin – a lança do aurígeo Torlath? Ele é intrépido como mil heróis, mas minha alma se deleita na guerra. A espada não descansa ao lado de Cuchullin. (T. A.)

Como há de se antecipar, ao longo dos *Poemas de Ossian*, o vínculo entre pessoas é sempre extremo (seguimos de perto KOZLOWSKI, 1998, p. 119-135). Lealdade e amor tornam-se indistintos, numa ligação que pode até mesmo conter insinuações homossexuais. Leiam-se os termos em que o mencionado Cuchullin se lamenta por ter acidentalmente matado seu amigo Ferda:

*Unhappy is the hand of Cuchullin, said the son of Semo, unhappy is the hand of Cuchullin since he slew his friend. — Ferda, thou son of Damman, I loved thee as myself. [...] We moved to the chace together; and one was our bed in the heath* (MACPHERSON, 2003, p. 69).<sup>5</sup>

Os imperativos do coração detêm tamanho poder que tornam irrelevantes os papéis usualmente atribuídos a cada sexo. Em *Dar-thula*, a heroína veste a armadura legada por seu pai com a finalidade de acompanhar seu hesitante amado rumo à “batalha do aço” (MACPHERSON, 2003, p. 143).

O caso de *Dar-thula* e de outras viragos que abundam nas composições ossiânicas nos permite enxergar toda essa dita pureza primitiva de outra maneira. Conquanto se queira atribuir-lhe um caráter virtuoso, possui algo de disfuncional (STAFFORD, 1988, p. 105). Como notou o vitoriano Matthew Arnold, os celtas de Macpherson são perpassados por “uma revolta contra o despotismo dos fatos”. Assim como os titãs da mitologia grega (e do *Paraíso perdido*, de Milton), que optavam pelo desterro para não terem de viver sob uma ordem que lhes era estranha, os heróis de Ossian são incapazes de ajustar sua conduta em face da adversidade (ARNOLD, 1904, p. 115-116 e p. 118; STAFFORD, 1991, p. 66; STAFFORD, 1998, p. 163-182). É como se houvesse um impulso destrutivo em todos os *Poemas*. Jamais recuando das hostes inimigas, muitos guerreiros precipitam-se em contendas infrutíferas. Amantes contrariados invariavelmente tiram a vida das donzelas que os rejeitam. E pessoas saudosas dos que se foram tendem a proceder de modo afim ao de Comal:

*The fleet of the ocean came. He fought; the strangers fled. He searched for death along the field. But who could slay the mighty Comal! He threw away his dark-brown shield. An arrow found his manly breast. He sleeps with his loved Galvina at the noise of the sounding surge! Their green tombs are seen by the mariner, when he bounds on the waves of the north* (MACPHERSON, 2003, p. 70).<sup>6</sup>

Esse mesmo tipo de reação não se restringe às personagens: contamina a voz do próprio elocutor poético, Ossian, sempre carregada de inclinações mórbidas (ver, em parte, KEYMER, 1998, p. 79-96):

*Roll on, ye dark-brown years, for ye bring no joy on your course. Let the tomb open to Ossian, for his strength has failed. The sons of song are gone to rest: my voice remains, like a blast, that roars, lonely, on*

---

<sup>5</sup> Infeliz é a mão de Cuchullin — disse o filho de Semo —, infeliz é a mão de Cuchullin desde que matou seu amigo! Ferda, filho de Damman, eu te amava como a mim mesmo. [...] Íamos caçar juntos, e uma só era a nossa cama sobre a relva. (T. A.)

<sup>6</sup> Veio a frota do oceano. Ele lutou. Fugiram os estrangeiros. Buscou a morte no campo. Mas quem poderia matar o grande Comal? Ele jogou fora seu escudo castanho-escuro. Uma flecha foi ao encontro de seu peito viripotente. Ele dorme com sua amada Galvina ao ressoar das vagas! Seus túmulos verdes são avistados pelo marinheiro quando singra as ondas do norte. (T. A.)

*a sea-surrounded rock, after the winds are laid* (MACPHERSON, 2003, p. 170).<sup>7</sup>

Esse expediente de inscrever na moral do antigo celta a origem tanto de sua grandeza quanto de sua ruína, de certo modo, retrabalha o conflito latente entre o dito curso dos anos e as aspirações da sociedade *highlander*. O verdadeiro antagonista desse povo tragado pela História – o tempo – é incorporado à configuração das personagens e do elocutor poético, de molde que seu desaparecimento nos é apresentado como decorrente de sua vontade.

No que tange à prosa indianista de José de Alencar, também é possível vislumbrar duas forças contraditórias (ver SOMMER, 2004, p. 165-201). De um lado, o desejo de glorificar a ascendência indígena brasileira, num procedimento que conferia venerabilidade exatamente ao elemento étnico que nos distinguia das demais nações ocidentais (CANDIDO, 1964, v. 2, p. 18-22; PEDROSA, 1992, p. 286-287; RICUPERO, 2004, p. 88). De outro lado, a singela constatação de que nenhuma idealização do indígena e de sua contribuição à nossa formação cultural seria capaz de mascarar o permanente conflito entre colonos e nativos (ver DE MARCO, 1993, p. 119). Essa oposição surge de maneira muito explícita numa passagem de *O guarani*, em que todos os feitos desempenhados pelo índio parecem irrelevantes ante o fosso que efetivamente há entre ele e os brancos:

No meio de homens civilizados, era um índio ignorante, nascido de uma raça bárbara, a quem a civilização repelia e marcava o lugar de cativo. Embora para Cecília e D. Antônio fosse um amigo, era apenas um amigo escravo (ALENCAR, 1958, v. 2, p. 378).

A existência dessa tensão dá ensejo a um rico debate acerca de qual seria o real valor das personagens indígenas de Alencar. Alguns as vêem como variantes tropicais dos heróis dos romances de cavalaria, ajustadas aos ideais rousseauianos do bom selvagem (ver MEYER, 1958, v. 2, p. 22-25; ADERALDO CASTELLO, 1979, p. 208 e ss.; MARTINS, 1977, v. 3, p. 67). Outros, por seu turno, quedam-se um tanto céticos em face de qualificações positivas, porquanto as contemplam como partícipes de um complexo sacrificial, em que o índio apenas se mostra digno de elogios quando abre mão de sua vida ou liberdade para auxiliar o branco (SANTIAGO, 1982, p. 104; BOSI, 1993, p. 176-193; BELLEI, 1999, p. 63-80).

Creio que esse debate possa ser enriquecido com o emprego das lentes do ossianismo. Elas nos permitem entrever a solução formal para os impulsos antitéticos de louvar e lamuriar. A solução, como é de se esperar, encontra-se na sensibilidade atribuída ao índio alencariano, em cuja dinâmica tingida de excessos se conjuga à derrota a eclosão do heroísmo.

Em *O guarani*, o espírito do indígena é explicitamente irmanado ao mundo natural, o que supõe uma vida sentimental sobremodo intensa:

Na vida selvagem, tão próxima da natureza, onde a conveniência e os costumes não reprimem os movimentos do coração, o sentimento é uma flor que nasce como a flor do campo, e cresce em algumas horas com uma gota de orvalho e um raio de sol.

---

<sup>7</sup> Desenrolai, ó castanhos anos, pois não trazeis alegria alguma em vosso curso. Deixai que o túmulo se abra para Ossian, pois sua força desvaneceu. Os filhos da canção foram descansar: minha voz permanece, como a borrasca que, solitária, ruge contra uma rocha cercada pelo mar, após os ventos se acalmarem. (T. A.)

Nos tempos de civilização, ao contrário, o sentimento torna-se planta exótica (ALENCAR, 1958, v. 2, p. 307).

O símile, com que se aproximam a sentimentalidade primitiva e a flor do campo, ilustra como se emprega essa figura de linguagem para colocar o selvagem e seu ambiente num condomínio indissolúvel (CAVALCANTI PROENÇA, 1972, p. 45-52; FRANCHETTI, 2006, p. 26 e ss.; CAMPOS, 1990, p. 67-74).

O mar de impressões que inunda a mente do indígena não pode ser constricto por convenções literárias arbitrariamente erigidas. O dito “estilo selvagem” deriva da premissa de que vocaliza tais impressões sem qualquer falseamento (MORAES PINTO, 1995, p. 68-69). A alternância entre expansões líricas e trechos narrativos em *Iracema* (CAVALCANTI PROENÇA, 1972, p. 50-51), por exemplo, deve ser entendida como o indício de uma expressividade que se quer fiel tão-somente às demandas da natureza e dos sentimentos. Por isso, também se incorre em hipérboles e amplificações quase sem nenhum pudor (ver VIEIRA MARTINS, 2003, p. 45-54). Há uma passagem de *O guarani* em que se toma a fala primitiva como portadora de elementos da natureza:

O índio começou, na sua linguagem tão rica e poética, com a doce pronúncia que parecia ter aprendido das auras da sua terra [...] (ALENCAR, 1958, v. 2, p. 137).

Como não refreiam seus impulsos emocionais, os índios de Alencar deixam-se guiar pelas paixões que afloram em seu íntimo. Sua moral, portanto, não é derivada de princípios abstratos, mas fundada, para usarmos uma expressão de Adam Smith, em “sentimentos morais”. Agem de maneira irrefletida ante as sensações que pessoas, fatos ou eventos lhes provocam. Sua conduta é, então, tida como verdadeira, por não ser deturpada por conjecturas ou hesitações.

A consequência desse estado de coisas é a estruturação de uma sociedade virtuosa, em que os detentores do poder conquistaram-no por conta da admiração granjeada frente aos demais. Eis o teor da nota de rodapé número 20, de *Ubirajara*:

A nomeação do chefe participava da natureza dessa sociedade democrática e guerreira. O mais audaz e o mais forte impunha-se: a permanência de sua autoridade, bem como sua extensão, dependia do respeito que ele conseguia infundir a seus guerreiros (ALENCAR, 1958, v. 3, p. 335).

Nessa sociedade virtuosa, glória, coragem e lealdade, dentre outros valores, têm preeminência (ABREU, 1997, *passim*).

A glória é essencial para que o herói eleve-se diante dos seus e obtenha reconhecimento presente e futuro. Fala Ubirajara a Pojucã:

Terás a glória de ser morto pelo mais valente guerreiro tocantim. Os cantores de meus feitos lembrarão teu nome; e todos os mancebos de tua nação invejarão tua sorte (ALENCAR, 1958, v. 3, p. 337).

Lealdade é a virtude que define, em *Iracema*, o pitiguara Poti. Quando o português Martim tenciona partir de volta para os brancos, o índio diz que sua cabana “ficará deserta e triste”. Considera a amizade entre dois homens tão intensa, e tão relevante, quanto o amor conjugal:

A felicidade do mancebo é a esposa e o amigo; a primeira dá alegria, o segundo dá força. O guerreiro sem a esposa é como a árvore sem folhas nem flores; nunca ela verá o fruto. O guerreiro sem amigo é

como a árvore solitária que o vento açouta no meio do campo: o fruto dela nunca amadurece (ALENCAR, 1979, p. 57).

Embora a fidelidade às emoções seja lida numa chave positiva, ela apresenta alguns desequilíbrios (ver CAVALCANTI PROENÇA, 1979, p. 228-229). Talvez a figura mais emblemática nesse sentido seja a de Iracema. Seus atos não obedecem a qualquer escrutínio da razão; são, antes, reações intempestivas a um sem-número de sensações (ver, em certo sentido, ADERALDO CASTELLO, 1979, p. 203-216). Como exemplo, mencione-se o fato de que seus sentimentos por Martim levam-na a ignorar seus votos de castidade e, literalmente, aproveitar-se do estado de transe em que se encontrava o português para consumir o seu amor (SANTIAGO, 1965, p. 55-68; LEMAIRE, 1989, p. 59-73; BELLEI, 1999, p. 63-80; MORAES PINTO, 1995, p. 58).

Essa postura ativa da índia, aliás, não se restringe ao ato sexual. Controlada pelo coração, abandona os papéis que, em tese, estariam reservados às mulheres e faz-se guerreira, mesmo contra seu povo e sua família:

Iracema, unida ao flanco de seu guerreiro e esposo, viu de longe Caubi e falou assim:

— Senhor de Iracema, ouve o rogo de tua escrava; não derrama o sangue do filho de Araquém. Se o guerreiro Caubi tem de morrer, morra ele por esta mão, não pela tua (ALENCAR, 1979, p. 46-47).

Nessa passagem, cristaliza-se a ambigüidade que estrutura a caracterização do indígena em *O guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*: do mesmo modo que o enaltece, sua sensibilidade é fonte de sua desdita. Com efeito, é o amor a Martim que impele Iracema aos mais comovedores e abnegados atos. Contudo, é esse amor que a leva a profanar o segredo da jurema, aliar-se aos inimigos de sua tribo e a morrer em estado de isolamento e solidão. Também é o caso de Peri: se sua devoção a Cecília o anima a realizar, com tintas romanescas, os gestos mais incríveis, ela acaba por suprimir sua liberdade.

De um modo análogo àquele dos *Poemas de Ossian*, esse internalizar do processo histórico na concepção do *éthos* indígena tem o efeito de elidir a representação de sua decadência e degradação: feito senhor de sua trajetória crepuscular, sua dignidade é preservada até o fim. É conveniente notar, no entanto, que esse mesmo expediente formal se presta a suavizar a violência da sociedade colonial. Sempre a reboque de Iracema, Martim é um guerreiro e conquistador que não luta nem suja as mãos de sangue (SANTIAGO, 1965, p. 55-68; BELLEI, 1999, p. 72).

### **Referências Bibliográficas**

- 1] ABREU, Mirhiane Mendes de. *Ubirajara, herói épico*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 1997.
- 2] ADERALDO CASTELLO, José. *Iracema e o indianismo de Alencar*. In: ALENCAR, José de. *Iracema*. Edição crítica de M. Cavalcanti Proença. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos – São Paulo: Edusp, 1979.
- 3] AGUIAR, Ofir Bergemann de. *Ossian no Brasil*. Goiânia: UFG, 1999.
- 4] ALENCAR, José de. *Iracema*. Edição crítica de M. Cavalcanti Proença. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos – São Paulo: Edusp, 1979.
- 5] \_\_\_\_\_. *O guarani. Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958. v. 2.

- 6] \_\_\_\_\_. Ubirajara. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958. v. 3.
- 7] ARARIPE JÚNIOR, Tristão A. *José de Alencar*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fauchon, 1894.
- 8] ARNOLD, Matthew. *On the study of Celtic literature*. New York: Macmillan, 1904.
- 9] BÄR, Gerald. *Poesias de Ossian*: antologia das traduções em português. Lisboa: Universidade Católica, 2010.
- 10] BELLEI, Sérgio Luiz Prado. A virgem dos lábios sem mel. *Luso-Brazilian Review*, v. 36, n. 2 (Winter, 1999), p. 63-80.
- 11] BOSI, Alfredo. Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- 12] BUESCU, Maria Gabriela Carvalhão. *Macpherson e o Ossian em Portugal*: estudo comparativo-translatológico. Lisboa: Colibri, 2001.
- 13] BYSVEEN, Josef. *Epic tradition and innovation in James Macpherson's Fingal*. Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis, 1982.
- 14] CAMPOS, Haroldo de. *Iracema*: uma arqueografia de vanguarda. *Revista USP*, n. 5 (Mar. 1990), p. 67-74.
- 15] CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. 2. ed. São Paulo: Martins, 1964. v. 2.
- 16] \_\_\_\_\_. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas – FFLCH, 2002.
- 17] CAVALCANTI PROENÇA, M. *José de Alencar na literatura brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- 18] \_\_\_\_\_. Transforma-se o amador na coisa amada. In: ALENCAR, José de. *Iracema*. Edição crítica de M. Cavalcanti Proença. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos – São Paulo: Edusp, 1979.
- 19] DE MARCO, Valeria. *A perda das ilusões*: o romance histórico de José de Alencar. Campinas: Unicamp, 1993.
- 20] FRANCHETTI, Paulo. Apresentação. In: ALENCAR, José de. *Iracema*: lenda do Ceará. Cotia: Ateliê, 2006.
- 21] GOMES, Eugênio. Ossian e Alencar. *Leituras inglesas*: visões comparatistas. Belo Horizonte: UFMG – Salvador: UFBA, 2000.
- 22] HAUGEN, Kristine Louise. Ossian and the invention of textual history. *Journal of the History of Ideas*, v. 59, n. 2 (Apr. 1998), p. 309-327.
- 23] HENRIQUES, Ana Lucia de Souza. Machado de Assis, leitor de Ossian. In: JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras – Topbooks, 2001, p. 277-287.
- 24] KERSEY, Mel. Addison's Indian, Blackwell's bard and the voice of Ossian. *History of European Ideas*, v. 31, n. 2 (Sept. 2005), p. 265-275.
- 25] KEYMER, Thomas. Narratives of loss: *The poems of Ossian and Tristram Shandy*. In: GASKILL, Howard; STAFFORD, Fiona J. (ed.). *From Gaelic to romantic*: Ossianic translations. Amsterdam – Atlanta, GA: Rodopi, 1998, p. 79-96.
- 26] KOZLOWSKI, Lisa. Terrible women and tender men. In: GASKILL, Howard; STAFFORD, Fiona J. (ed.). *From Gaelic to romantic*: Ossianic translations. Amsterdam – Atlanta, GA: Rodopi, 1998, p. 119-135.
- 27] LACERDA, Sonia. *Metamorfoses de Homero*: história e antropologia na crítica setecentista da poesia épica. Brasília: UnB, 2003.



- 28] LEMAIRE, Ria. Re-reading *Iracema*: the problem of the representation of women in the construction of a national Brazilian identity. *Luso-Brazilian Review*, v. 26, n. 2 (Winter 1989), p. 59-73.
- 29] MACPHERSON, James. *The poems of Ossian and related works*. Edited by Howard Gaskill. 2. ed. Edinburgh: Edinburgh University, 2003.
- 30] MAGALHÃES JÚNIOR, R. *José de Alencar e a sua época*. São Paulo: Lisa, 1971.
- 31] MANNING, Susan. Henry Mackenzie and Ossian or, the emotional value of asterisks. In: GASKILL, Howard; STAFFORD, Fiona J. (ed.). *From Gaelic to romantic: Ossianic translations*. Amsterdam – Atlanta, GA: Rodopi, 1998, p. 136-152.
- 32] MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira* São Paulo: Cultrix, 1977. v. 3.
- 33] MEYER, Augusto. Nota preliminar. In: ALENCAR, José de. *O guarani. Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958. v. 2.
- 34] MEYER, Marlyse. Para brindar *Iracema*. *Pirineus, caiçaras: da commedia dell'arte ao bumba-meu-boi*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1991, p. 79-94.
- 35] MORAES PINTO, Maria Cecília. *A vida selvagem*. São Paulo: Annablume, 1995.
- 36] MOTTA, Arthur. *José de Alencar, sua vida e sua obra*. Rio de Janeiro: Briguiet, 1921.
- 37] PAES, José Paulo. O falsário verdadeiro. *Armazém literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- 38] PEDROSA, Célia. Nacionalismo literário. In: JOBIM, José Luís (org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- 39] POTKAY, Adam. Virtues and manners in Macpherson's *Poems of Ossian*. *PMLA*, n. 107, v. 1 (Jan. 1992), p. 120-130.
- 40] RICUPERO, Bernardo. *O romantismo e a idéia de nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- 41] ROUANET, Sérgio Paulo. Prefácio. In: LACERDA, Sonia. *Metamorfoses de Homero: história e antropologia na crítica setecentista da poesia épica*. Brasília: UnB, 2003.
- 42] SANTIAGO, Silviano. Alegoria e palavra em *Iracema*. *Luso-Brazilian Review*, v. 2, n. 2 (Winter, 1965), p. 55-68.
- 43] \_\_\_\_\_. Liderança e hierarquia em Alencar. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- 44] SOARES AMORA, Antônio. *Iracema: um romance de atmosfera. Classicismo e romantismo no Brasil*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1966.
- 45] SOMMER, Doris. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Trad. Gláucia R. Duarte; Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- 46] STAFFORD, Fiona J. "Dangerous success": Ossian, Wordsworth, and English romantic literature. In: GASKILL, Howard (ed.). *Ossian revisited*. Edinburgh: Edinburgh University, 1991.
- 47] \_\_\_\_\_. Fingal and the fallen angels: Macpherson, Milton and romantic titanism. In: GASKILL, Howard; STAFFORD, Fiona J. (ed.). *From Gaelic to romantic: Ossianic translations*. Amsterdam – Atlanta, GA: Rodopi, 1998, p. 163-182.
- 48] \_\_\_\_\_. *The last of the race: the growth of a myth from Milton to Darwin*. Oxford: Clarendon, 1997.
- 49] \_\_\_\_\_. *The sublime savage*. Edinburgh: Edinburgh University, 1988.

- 50] VAN DER LAAN, Rita Baltar. *A concepção de liberalismo no romance histórico de Cooper e Alencar*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1994.
- 51] VIEIRA MARTINS, Eduardo. O mito alencariano. *Via atlântica*, n. 6 (Out. 2003), p. 45-54.
- 52] WASSERMAN, Renata R. Mautner. *Exotic nations: literature and cultural identity in the United States and Brazil, 1830-1930*. Ithaca – London: Cornell University, 1994.
- 53] \_\_\_\_\_. Re-inventing the New World: Cooper and Alencar. *Comparative Literature*, v. 36, n. 2 (Spring, 1984), p. 130-145.
- 54] YOUNGSON, A. J. *After the Forty-Five: the economic impact on the Scottish Highlands*. Edinburgh: Edinburgh University, 1972.

---

<sup>i</sup> **Autor**

**Thiago Rhys BEZERRA CASS (Doutorando, Bolsista Fapesp)**  
Universidade de São Paulo (USP)  
bezerracass@gmail.com